



UM ESTUDO DE GÊNERO SOBRE A TETRALOGIA NAPOLITANA

A gender study on Neapolitan Tetralogy

Kamila Carino Machado¹

RESUMO

O presente artigo desenvolve um diálogo entre a teoria de gênero e a literatura feminina. Para tanto, utiliza-se a *Tetralogia napolitana*, obra da autora italiana Elena Ferrante, como objeto de análise. Busca-se fazer uma relação entre a vida privada das personagens e seus dilemas com casamento, família, maternidade, trabalho e de teorias a respeito da divisão sexual do trabalho, da dominação masculina e do cuidado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo exploratório, levando como base de análise o material bibliográfico e documental referentes ao problema em questão. Verifica-se como a divisão sexual do trabalho, a dominação masculina e a ética do cuidado estabeleceram condições desfavoráveis para as personagens ao longo de suas vidas. Concluindo que o campo literário é um cenário importante para estudos relacionados às temáticas de gênero e feminismo, seja por sua demonstração detalhada do cotidiano feminino, seja pela escrita feminina.

Palavras-chave: feminismo; gênero; literatura.

ABSTRACT

This article develops a dialogue between gender theory and women's literature. Therefore, the Neapolitan tetralogy, work of the Italian author Elena Ferrante, is used as an object of analysis. It seeks to make a connection between the private life of the characters and their dilemmas with marriage, family, motherhood, work and theories about the sexual division of labor, male domination and care. This is an exploratory qualitative research, based on bibliographic and documental material regarding the problem in question. It is verified how the sexual division of labor, male domination and the ethics of care established unfavorable conditions for the characters throughout their lives. Concluding that the literary field is an important scenario for studies related to gender and feminism themes, either for its detailed demonstration of the female daily life, or for the female writing

Key words: feminism; gender; literature.

Introdução

Existem diversos estudos que apoiam à pesquisa de gênero na literatura. As obras literárias, sobretudo as escritas por mulheres, abrem espaço para a ciência social buscar entender não só como essas autoras interiorizam as perspectivas de gênero em seus textos,

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UENF. E-mail: kamila.carino.kc@gmail.com

mas também sob qual representação repousam os aspectos emocionais e sociais de seus personagens. De acordo com Duarte (2003), a literatura é uma fonte de recursos importante para se entender o feminismo. As primeiras reivindicações feministas estamparam manifestos, artigos de jornais e peças públicas escritas por mulheres com o objetivo de democratizar o conhecimento sobre suas pautas. A educação e o domínio da escrita foram condições indispensáveis para emancipação feminina.²

O estudo de gênero nas ciências sociais acrescenta não só novos temas de estudos à ciência, mas também permite uma análise crítica de trabalhos que se orientam pelo campo da ficção. Segundo Scott (2019), “o modo como essa nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero fosse desenvolvido como categoria de análise.” Ou seja, existe a necessidade de se pensar textos que versam sobre o universo feminino, principalmente os escritos por mulheres, incluindo a categoria de gênero em suas análises.³

A obra literária de Elena Ferrante, pseudônimo de uma escritora italiana cuja verdadeira identidade é desconhecida, é, frequentemente, utilizada como objeto de estudos de gênero, porque a autora traz em seus escritos temas ligados às relações sociais de gênero. Nos seus livros observa-se a forte presença do protagonismo feminino, da maternidade, da busca pela linguagem feminina e as construções familiares em torno de suas vivências. Ferrante descreve a órbita do pensamento e das ações femininas com riqueza de detalhes e particularidades que ordenam o pensamento do leitor a respeito da vida privada das mulheres e seus dilemas.

Apesar da vasta produção literária de Elena Ferrante, no artigo em questão, utiliza-se apenas a tetralogia napolitana como objeto de análise. A tetralogia é composta pelos romances: “A amiga genial” (2015), “História do novo sobrenome” (2016), “História de quem foge e de quem fica” (2016) e “História da menina perdida” (2017). Essa obra aborda a amizade e a vida privada de duas mulheres que nasceram na cidade de Nápoles, na Itália, no ano de 1945. Rafaela Cerullo (Lila) e Elena Greco (Lenu) são amigas desde a infância e buscam sobrepor-se ao destino de exclusão e ausência de escolhas que as

² DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura: discurso e história*. <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. (último acesso em: 15 mar. 2023).

³ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica.” In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar boitempo, 2019, p. 51.



rodeia. Vê-se, nesse romance de formação, a possibilidade de concentrar o debate na estruturação da identidade das protagonistas, nas suas etapas de desenvolvimento e na construção de suas identidades de gênero, ou seja, na formação e construção do feminino de cada personagem. Além disso, Ferrante é uma autora atenta às temáticas de gênero para além do campo da literatura. A autora, que possui uma coluna semanal no *The Guardian*, já escreveu textos sobre feminismo e a vida das mulheres. No texto intitulado: “Ainda hoje, depois de um século de feminismo, não podemos ser nós mesmas”, a escritora pontua que:

Por princípio, recuso-me a falar mal de outra mulher, mesmo que ela tenha me ofendido intoleravelmente. É uma posição que me sinto obrigada a assumir precisamente porque conheço bem a situação da mulher: é a minha, observo-a nas outras, e sei não haver mulher que não faça um esforço enorme e exasperante para conseguir até o final do dia. Pobres ou abastados, ignorantes ou educados, bonitos ou feios, famosos ou desconhecidos, casados ou solteiros, trabalhadores ou desempregados, com filhos ou sem, rebeldes ou obedientes, todos somos profundamente marcados por uma forma de estar no mundo que, mesmo quando nós a reivindicamos como nossa, está envenenada desde a raiz por milênios de dominação masculina.⁴

É possível perceber, a partir desse pequeno trecho, não só a genialidade da autora, mas sua relação com questões de gênero. Nota-se que ela faz uma relação entre a opressão das mulheres e a dominação masculina. Em vista disso, pode-se interpretar que essas insinuações margeiam suas obras e o sentido de construção de suas personagens. Por isso, uma abordagem da teoria de gênero em seus romances é uma tarefa que pode trazer vasta contribuição para o campo das ciências sociais.

Cada volume da tetralogia napolitana traz uma fase de vida das personagens Elena e Rafaela. O primeiro volume fala da infância e o fim dela. O segundo, sobre a juventude e o terceiro e o quarto volume, narram o tempo intermediário e a velhice das personagens. O livro é inteiramente narrado pela Elena, mas traz, com riqueza de detalhes, cada momento importante da vida da Rafaela. A narrativa evidência as escolhas tomadas pelas personagens e os dilemas morais enfrentados a partir destas escolhas. Também traz fatos importantes a respeito da divisão sexual do trabalho na vida de mulheres pobres no cenário pós-Segunda Guerra Mundial em uma Itália ainda em reconstrução política.

⁴ FERRANTE, Elena. ‘*Even today, after a century of feminism, we can’t fully be ourselves*’. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/mar/17/elena-ferrante-even-after-century-of-feminism-cant-be-ourselves>. (último acesso em: 31 mar. 2023).

Assim, o presente artigo tem por objetivo investigar como a trajetória das personagens criadas por Ferrante podem trazer narrativas que possam contribuir para o pensamento de gênero e da teoria feminista. Além disso, busca evidenciar como a divisão sexual do trabalho afetou suas escolhas privadas e suas carreiras e como o papel de cuidado e a ética a respeito das decisões foram guiados pela perspectiva do outro. O artigo traz uma seção onde são analisados os elementos de gênero presentes na trajetória das mulheres personagens do livro e uma conclusão. Trata-se de uma pesquisa exploratória, dando ênfase à análise dos dados evidenciados nos textos literários que compõem a tetralogia napolitana, com materiais bibliográficos e periódicos da teoria feminista. A análise dos resultados será feita à luz dos conceitos de dominação masculina, divisão sexual do trabalho e da ética do cuidado, e de como essas categorias abstratas impactam na vida das personagens do livro.

“Não sucumbir, eu dizia. Combater.”

A frase que dá título a presente seção está escrita em um dos livros da autora italiana Elena Ferrante: “Dias de Abandono.”⁵ A Autora explora em suas obras o universo feminino de mulheres, majoritariamente brancas, mas com um laço em comum fundado no apagamento, na ausência e na resistência. As histórias trazidas a partir da leitura de Ferrante permitem perceber processos de opressões cotidianas, muitas vezes não descritos em textos acadêmicos de forma tão clara. A história das mulheres é uma história muitas vezes não contada. Durante muito tempo, houve pouco ou nenhum interesse em descrever o cotidiano feminino como um lugar de análises e representação de um problema social.

Apesar disso, não se pode deixar de dizer que a literatura já se ocupa, há um tempo, de trazer luz aos ideais femininos e repousar a escrita no cotidiano privado das mulheres e na ambiguidade de seus pensamentos. Em 1856, Gustave Flaubert lançou a primeira edição do clássico “Madame Bovary”. O livro é considerado pioneiro dentre os romances realistas e aborda a história de Emma, uma jovem descrita no livro como bonita, requintada e muito sonhadora. Emma se casa com Charles, um médico do interior e sem muitas ambições. Porém, pouco tempo depois do casamento ela começa a se sentir entediada, dando-se conta de que a vida de casada não era bem o que ela pensava. Mesmo

⁵ FERRANTE, E. *Dias de abandono*. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



após o nascimento da filha, Emma continua frustrada. Cansada de sua realidade, triste e angustiada, ela avista no adultério a possibilidade de obter liberdade. Como essa tentativa de felicidade e liberdade também não a preenche, ela resolve por fim a própria vida.⁶

A existência dessa narrativa sugere um interesse da literatura em desnudar a vida privada das mulheres e estabelecer que casar, ter filhos, criá-los e cuidar da casa pode não ser o destino ideal para muitas delas. Apesar disso, a história das mulheres é corrompida pela dificuldade de ser contada. O próprio Flaubert foi levado a julgamento em razão da escrita da obra. O autor foi acusado de ofensa à moral e a religião. Segundo Perrot, “A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados”.⁷ Essa afirmação surge na parte inicial de seu livro: “As mulheres ou o silêncio da história”. Para a autora, o silêncio original das mulheres é originado pela sua posição secundária e pela relação estabelecida sempre em segundo plano. Essa frase, no entanto, também serve para uma analogia interessante. A tetralogia napolitana é uma escrita voltada para marcar a presença dos traços da personagem Lila, que desaparece sem deixar vestígios:

Faz pelo menos trinta anos que ela me diz que quer sumir sem deixar rastro, e só eu sei o que isso quer dizer. Nunca teve em mente uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutro lugar. E jamais pensou em suicídio, incomodada com a ideia de que Rino tivesse que lidar com seu corpo, cuidar dele. Seu objetivo sempre foi outro: queria volatilizar-se, queria dissipar-se em cada célula, e que ninguém encontrasse o menor vestígio seu. E, como a conheço bem – ou pelo menos acho que conheço – tenho certeza de que encontrou o meio de não deixar sequer um fio de cabelo neste mundo, em lugar nenhum.⁸

No início da história, vê-se que a personagem Lila tem uma forma peculiar de lidar com os acontecimentos da vida. A sombra do que pode ser lido como um exagero há algo de incompreendido ou não comunicado. A personagem Elena, chamada no romance também por Lenucia ou Lenu, escreve a história de Lila como uma forma de evitar o seu apagamento premeditado. Segundo Freud, “a escrita é em sua origem, a voz de uma pessoa ausente.”⁹ Dessa suposta ausência, caminham as origens dessa narrativa.

Nascidas em uma periferia de Nápoles, Lila e Lenu foram crianças pobres, com

⁶ FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

⁷ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Bauru/SP: Edusc, 2005, p. 29.

⁸ FERRANTE, Elena. *A amiga genial: Infância, adolescência*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015, p. 15.

⁹ SIGMUND Freud. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

uma infância difícil. Apesar das duas terem grande destaque na escola e serem apaixonadas por livros, somente Lenu conseguiu prosseguir com um caminho de estudos. Formou-se e tornou-se uma escritora de sucesso. Já Lila foi impedida de estudar pelo pai, sob o argumento de que a mesma precisava dedicar-se ao cuidado da casa e ajudar no sustento familiar. Nem mesmo o brilhantismo da filha, atestado pela professora, pôde fazê-lo mudar de ideia. Essa é a primeira divisão da vida das personagens, enquanto uma tem o apoio familiar para continuar estudando, a outra é terminantemente impedida. Sabe-se que a educação das mulheres não foi, durante muito tempo, uma prioridade. Segundo Rousseau (1979), as mulheres não deveriam receber a mesma educação dos homens. Para ele, um homem deveria ser ativo e forte e a mulher, passiva e fraca. A educação de homens e mulheres não deveria se sobrepor a essa premissa, então, enquanto homens deveriam ser educados para assumir seu papel público, a mulher deveria se manter presa ao lar.¹⁰

Entretanto, no contexto em que o livro é escrito, o papel da mulher na sociedade já é visto em outros formatos e, apesar da opressão masculina ainda persistir, não há no livro nenhum recorte claro de gênero que justifique a impossibilidade de continuar os estudos de Lila. Ao impedir o seu estudo, seu pai o fez por acreditar que a educação não traria valor monetário à sua família. Nesse momento, pode-se dizer que ocorre uma dominação de gênero como resultado sem que haja um processo orientado pelo gênero. Allison Daminger (2020) descreve esse processo em seu estudo sobre a divisão sexual do trabalho com casais que possuem pensamentos igualitários e práticas não igualitárias. O seu estudo demonstra que, apesar de existir um discurso que endossa a importância da igualdade de gênero, na prática isso não acontece e as mulheres continuam responsáveis pelo cuidado com o lar. Isso pode ser explicado pelo conjunto de fatores ligados ao passado de cada um. Muitas vezes, no discurso, é possível estabelecer um pensamento sobre igualdade, mas as vivências são fruto de decisões tomadas ao longo da vida:

No entanto, quando expandimos a abertura para incluir o passado de cada casal ao lado de seu presente e para comparar as experiências de casais que enfrentam circunstâncias semelhantes, o gênero volta à tona. Os entrevistados tratam as linhas gerais de sua vida como dados, mas suas circunstâncias atuais são o produto de uma longa linha de escolhas sobre o que estudar, onde morar, que trabalho fazer e qual opção de creche seguir. Intencionalmente ou não, essas

¹⁰ ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Diffel. 1979, p.305/306.
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



escolhas prévias tendem a tornar as rotinas tradicionais de gênero as mais confortáveis e eficientes.¹¹

A forma de compreender determinadas escolhas e restrições impede que algumas experiências sejam vistas, a primeiro momento, sob as lentes de gênero. O estudo e a educação eram vistos, pelo pai de Lila, como uma perda de tempo, um investimento sem retorno para uma mulher. Um bom casamento garantiria muito mais sucesso a ela e sua família. Lila é compelida pelo pai a casar-se, aos 16 anos, com um jovem rapaz do bairro. A razão para insistência do pai nesse relacionamento tinha a ver com os bens materiais do qual o rapaz dispunha: era filho de um comerciante importante do bairro, considerado um homem rico. Apesar da juventude da filha, a família se alegra com a situação, porque, em virtude daquele casamento, poderiam mudar de classe social e seriam uma família respeitada no bairro.

A própria Lila parece, por algum tempo, acreditar que o casamento poderia lhe trazer um destino melhor, admitindo que para ela a escolha de um marido ou de um homem que a protegesse era um empreendimento importante. Ela que já havia tentado mudar sua realidade pela educação e foi ceifada pelas razões sociais já explicadas; Ela que tentou desenhar modelos de sapatos femininos na esperança de vendê-los na sapataria do pai e “enriquecer”, teve todos esses caminhos frustrados pelo comando ativo do provedor da família, seu pai, que achava todas as suas iniciativas absurdas. Viu no casamento uma saída digna à sua realidade. Pelas palavras de Beauvoir (1980): “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim se entregando, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.”¹²

O casamento de Lila é marcado por inúmeras violências, sendo elas físicas, verbais e sexuais. A sua família, realmente, goza de privilégios sociais na dinâmica da periferia onde viviam, entretanto, esses privilégios são oriundos do sacrifício pessoal de Lila que viveu uma relação em ruínas em troca de conforto para sua família. Segundo Federici, não existe naturalidade no papel estabelecido a mulher como dona de casa:

¹¹ DAMINGER, Allison. *De-gendered Processes, Gendered Outcomes: How Egalitarian Couples Make Sense of Non-egalitarian Household Practices*. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122420950208?journalCode=asra>. (último acesso em: 19 jun. 2023).

¹² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980, p 67.

Não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. Mesmo assim, dificilmente se tem êxito. Não importa o quanto sejamos bem treinadas, poucas mulheres não se sentem enganadas quando o “dia de noiva” acaba e elas se encontram diante da pia suja. Muitas mulheres possuem a ilusão de que casamos por amor. Grande parte de nós reconhece que nos casamos por dinheiro e segurança; mas é o momento de reconhecer que, enquanto há pouco amor ou dinheiro envolvidos, o trabalho que nos aguarda é excessivo. É por isso que as mulheres mais velhas sempre nos dizem: “aproveite sua liberdade enquanto você pode, compre o que você quiser agora”. Mas, infelizmente, é quase impossível aproveitar qualquer liberdade se, desde os primeiros anos de vida, você é treinada para ser dócil, subserviente, dependente e, o mais importante, para se sacrificar e até mesmo sentir prazer com isso. Se você não gosta, o problema é seu, o fracasso é seu, a culpa e a anormalidade são suas.¹³

Apesar de ter seguido um caminho diferente, Lila e Lenu vivem os mesmos dilemas. Elena conseguiu terminar a escola, fez uma prova para faculdade e graduou-se. Casou-se com um colega da mesma universidade. Um homem considerado importante, filho de pessoas que tinham boa reputação na Itália. Com a ajuda e intermédio de seus sogros, conseguiu publicar seu primeiro romance. O livro foi um verdadeiro sucesso, traduzido, inclusive, para outros países. Com os recursos da venda dos livros, pôde aumentar a qualidade de vida de seus pais e a reputação de que havia se casado com um homem rico e de boa família a tornaram uma pessoa importante no bairro onde foi criada.

Entretanto, a personagem logo se viu presa aos caminhos tortuosos da maternidade. Apesar de não desejar ter filhos, não tinha conhecimento o suficiente para usar um método contraceptivo e a gravidez veio no início do casamento. Além disso, o marido deseja filhos. As filhas a impediam de gozar da liberdade necessária para continuar sua escrita. O marido se mantinha fiel ao trabalho, ministrando aulas em uma universidade durante o dia e escrevendo seu livro durante a noite. Segundo o próprio, não lhe sobrava tempo para cumprir funções na casa com filhos. Para ele, essa responsabilidade precisava ser gerenciada pela esposa. Se necessário, poderia ser terceirizada ou dividida com uma empregada, mas em nenhum momento, assumida de igual modo pelo casal.

Essa diferença pode ser explicada porque a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída por meio da atribuição de papéis distintos. A sociedade

¹³ FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 43-44.



delimita os campos de atuação feminino e masculino. A socialização dos filhos, por exemplo, é uma tarefa atribuída as mulheres. Mesmo quando elas desempenham uma função fora do lar, quando possuem uma carreira, são responsáveis pela manutenção da educação e do cuidado com os filhos.¹⁴ Nesse ponto, apesar de seguirem caminhos diametralmente opostos, Lila e Lenu colidem com o mesmo destino. A responsabilidade pela criação e cuidado com os filhos recai inteiramente sobre elas.

Nesse ínterim, ambas deixam os maridos por uma nova paixão. Primeiro Lila, que se casou muito mais cedo que Lenu, deixa o marido por uma paixão por Geovanni Sarratore, chamado de Nino. Filho de um escritor sem sucesso do bairro onde foram criadas, seu pai era considerado um conquistador. Um homem capaz de “enlouquecer mulheres”. Depois, Lenu, deixou o marido, anos depois, por uma paixão pelo mesmo homem. Apesar da descrição infeliz de seu casamento, nenhuma das duas deixou a condição de esposa e dona de casa por uma conjuntura lógica, apesar de já haver a possibilidade do divórcio legal, mas sim, originada e justificada pela força da paixão. Somente o sentimento conseguiu trazer uma justificativa eticamente aceitável para a renúncia daquele destino de riqueza. Ambas possuíam casamentos considerados socialmente de sucesso. O status social de esposa de um homem que tinha poder e dinheiro era considerado uma vitória.

Carol Gilligan (1985) afirma que a construção da moralidade feminina é baseada na ética do cuidado. As mulheres fazem escolhas morais traduzidas no dever de pensar no próximo e de obter a sua aprovação. Em seus estudos, Gilligan investiga como esse papel de pensar no outro antes de pensar em si já pode ser visto nas mulheres desde a infância. Ela verifica que as mulheres se norteiam por um valor moral distinto e que vai muito além da ética da justiça, porque as mulheres focalizam o cuidado antes da justiça. Essa abordagem é importante na perspectiva de formação das personagens, de suas escolhas ao longo da vida.¹⁵

Segundo Gilligan, os estereótipos ajustados socialmente para o feminino e masculino sugerem uma divisão entre amor e trabalho que insinua que as mulheres possuem uma condição natural para amar e os homens para trabalhar. Para ela, esses papéis estereotipados traduzem um desequilíbrio entre a vida adulta de homens e

¹⁴ SAFFIOTI, Heleith. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 8.

¹⁵ GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

mulheres, isso traz outra voz para as mulheres na resolução de problemas de cunho moral. Ao invés de reagirem à ausência de estímulos sociais lógicos e habilidades instrumentais com uma falta ou uma deficiência, as mulheres compensam essa ausência como uma concepção moral diferente da dos homens. Os homens possuem uma lógica ética ligada à justiça e as mulheres ao cuidado. Ou seja, as mulheres compensam essa falta de atributos lógicos com condições afetivas. Por isso, muitas vezes são classificadas socialmente como ajustadas para trabalhos relacionados ao cuidado e a sensibilidade. Enquanto os homens são classificados como ideias para profissões ligadas a lógica.¹⁶

O divórcio trouxe a ambas um destino muito semelhante. Lila deixa o bairro após a separação e vai morar em outro bairro de Nápoles, porém, em virtude das dificuldades enfrentadas com a criação do filho e com a sua sobrevivência, retorna ao bairro onde nasceu. Lenu deixa a cidade onde vivia com o marido e também retorna à Nápoles. Esse retorno foi justificado pelas personagens diversamente: Lila quer o retorno como uma forma de trazer mudanças a si e ao bairro, mudar o destino da sua família e amigos. Lenu retorna para estar perto de seus afetos: Lila e Nino. Apesar de evitar o contato com amiga em muitos momentos, há na narrativa uma necessidade da personagem em se satisfazer a partir daquela relação de amizade. Há uma relação cercada de amor e ódio, onde uma precisa da outra para continuar existindo. Isso fica claro já no início do primeiro livro, como dito anteriormente, Lenu escreve porque Lila não pode ousar desaparecer.

O retorno de Lila ao bairro é descrito por Ferreira como uma necessidade de mudança:

Já Lila, como essa personagem feminina subversiva das amenidades desde criança, expurga cedo a sua sede de mudança. De quê? Nem ela mesmo sabe exatamente, mas ela quer ser diferente. De quem? De todas elas. O que importa é que ela quer mudar, e quer que todo mundo mude junto. E justamente Lila, na sua ânsia por rebeldia e renovação, é também a mais ingênua nas atitudes. Ao se agarrar a necessidade de um mundo (bairro) melhor, ela escolhe ter a vida que seus pais e irmão têm, mesmo descobrindo depois (tarde demais?) que essa também não é a vida que ela deseja. A personagem rechaça a sua realidade não por ser divergente do seu mundo original, mas por conter padrões muito semelhantes. Talvez com uma nova pintura, um pouco mais de dinheiro, uns quarteirões de distância, mas ainda assim semelhante; não na superfície, na estrutura.¹⁷

¹⁶ GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

¹⁷ FERREIRA, Camila Daltro. *O feminismo (in)evitável na literatura de Elena Ferrante: Diálogos entre lutas reais e fictícias*. [https://revistas.ufrj.br/article/download/pdf/ultimo acesso em: 15 mar. 2023](https://revistas.ufrj.br/article/download/pdf/ultimo%20acesso%20em%2015%20mar%202023).



Concorda-se em partes com a percepção da autora com a necessidade de mudança atribuída a Lila. Primeiro, porque se acredita que essa necessidade de mudança não se encontra no desejo de diferir, mas sim, no medo de ser igual. Lila parece, desde muito cedo e muito antes de Lenu, entender que o destino das mulheres daquele bairro era somente um: casar e criar filhos. Com sorte, não enlouquecer. No livro, grande parte das personagens femininas é descrita como ranzinzas, tristes, cansadas, amarguradas e até mesmo, loucas.

Lila descreve um fenômeno, do qual não sabe o nome e nem a origem, mas chamou de desmarginação. Segundo ela, esse fenômeno a faz perder as margens e os contornos da vida. Nada é igual e tudo parece em desconstrução, porém, essa desconstrução é ambientada somente dentro de sua cabeça. Não há nada acontecendo para além dos limites de sua imaginação. Esse fenômeno é concebido por Lila na infância, mas persiste em sua vida adulta. Essa perda de sentidos exposta pela personagem demonstra que Lila tem conhecimento a respeito da condição “*sinequa non*” para opressão de gênero: as mulheres precisam ser colocadas à margem. Como disse Gilligan (1985), na ausência de uma voz social que fosse sua, a mulher criou para si outra.¹⁸ Não obstante, Beauvoir (1980) afirmou que a mulher é o outro sexo, o sexo que resta ser: “Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil.”¹⁹

Em sua obra: “A mística feminina”, Betty Friedan investigou, justamente, a história de opressão e liberdade feminina no cenário após a segunda guerra mundial. A autora identificou um problema considerado “problema sem nome” que afligiu muitas donas de casas estadunidenses. Embora tivessem tudo que “uma mulher pode considerar ideal para ser feliz”, elas sentiam um vazio e um sentimento de impotência e fracasso constante. Tinham a vida que as disseram que deveriam ter e, ainda sim, não se sentiam plenamente felizes. Para a autora, as mulheres possuíam mais poder de escolha do que no passado, no entanto, nenhum objetivo de realização pessoal lhes era oferecido além do cuidado com a casa e com os filhos. Não eram fornecidas opções que pudessem tornar a maternidade e a família um destino traçado pela própria mulher. Elas acabavam sendo

¹⁸ GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality*. <https://sfonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

¹⁹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980, p. 73.



reféns de um destino antigo, apesar da existência de uma falsa sensação de escolha.²⁰

Nesse sentido, entende-se a dificuldade de mudança da lógica social, porque ela se encontra associada a uma linguagem social que se aprende desde o nascimento. Wittgenstein (1975) tentou compreender em seus escritos: “investigações filosóficas” o que chamou de jogos de linguagem. Segundo o autor, o significado de determinada palavra não é o resultado de uma simples tradução, mas sim o produto das regras que se utiliza para inserir aquela palavra socialmente. É o que se faz com as palavras e não o que ela significa que dá sentido a ela. Para ele, não existe uma linguagem pessoal, toda linguagem seria coletiva. Partindo dessa perspectiva, a dominação masculina que se impõe ao feminino desde o nascimento é uma inscrição de linguagem. É um jogo de linguagem que não se vence a partir de uma lógica individual, mas sim, de uma instrumentalização coletiva. Como, por exemplo, com políticas públicas que busquem estabelecer uma maior isonomia entre homens e mulheres.

A regra pode ser um auxílio no ensino do jogo. É comunicada àquele que aprende e sua aplicação é exercida. Ou é uma ferramenta do próprio jogo. Ou: uma regra não encontra emprego nem no ensino nem no próprio jogo, nem está indicada num catálogo das regras. Aprende-se o jogo observando como os outros jogam. Mas dizemos que se joga segundo esta ou aquela regra, porque um observador pode ler essas regras na práxis do jogo, como uma lei natural que as jogadas seguem. – Mas como o observador distingue, nesse caso, entre erro de quem joga e uma jogada certa? Há para isso indícios no comportamento dos jogadores. Pense no comportamento característico daquele que corrige um lapso. Seria possível reconhecer que alguém faça isso, mesmo que não compreendamos sua linguagem.²¹

Um fator que corrobora essa percepção se encontra amparado nas vivências de Lenu. A personagem não detém a mesma sede de mudança que Lila, para ela, basta não ser como a mãe foi, porém, mesmo possuindo um caminho que pode ser considerado muito diferente das mulheres da vizinhança, teve a vida marcada por outras experiências de violência. Foi, entre as mulheres de sua geração no bairro, a que conquistou maiores títulos acadêmicos, a que conseguiu um maior prestígio social e a que obteve o que pode ser descrito como uma maior “elegância”. Entretanto, foi responsabilizada pela criação dos filhos, se viu aterrorizada com as imposições da maternidade e com os afazeres domésticos, apanhou de alguns homens, foi enganada e traída pelos mesmos. Esses fatores

²⁰ FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020

²¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril S.A, 1975, p.38.



foram impostos pela divisão sexual do trabalho que condiciona às mulheres a responsabilidade total com os afazeres domésticos e com o cuidado com os filhos.

Segundo Hirata e Kergoat, a divisão sexual do trabalho é: “Em primeiro lugar a imputação aos homens do trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres.”²² É certo que muitas mulheres ocupam o mercado de trabalho em funções produtivas, como as próprias personagens do livro, entretanto, essa divisão do trabalho culmina em distinguir o valor do trabalho realizado por homens e por mulheres: o trabalho de um homem pesa mais que o trabalho de uma mulher. Nesse contexto, os homens são mais valorizados socialmente e conseguem uma maior dedicação ao trabalho produtivo por não terem que lidar com os afazeres do lar. No livro Lenu e seu marido possuíam a mesma profissão: eram acadêmicos e escritores. Apesar disso, durante muito tempo, ela precisou abdicar de suas atividades produtivas para realizar as atribuições de mãe e esposa.

Além disso, esses fatores demonstram que somente a alteração do fator classe social não pode amparar a transformação da realidade de vida das mulheres, muito menos a dominação masculina. Nesse ponto, a crítica ao feminismo marxista pode ser explorada no sentido que considera a superação do capitalismo como uma condição para o fim da violência de gênero. Todavia, subestima-se a forma de violência estabelecida fora do ambiente familiar, onde mulheres são ainda mais exploradas no mercado de trabalho e ainda continuam responsáveis pelo cuidado da casa e a criação dos filhos.

Ambas as personagens se orientam pela possibilidade de transformação da própria realidade. Apesar de todas as dificuldades vividas, sempre buscam uma forma de não sucumbir às durezas do cotidiano feminino. Durante toda a sua vida como escritora, Lenu deixa claro que a trajetória pela sua emancipação e pela construção de uma carreira de sucesso cedeu lugar à culpa pela maternidade que não poderia ser exercida conforme as regras sociais impostas, ou seja, com dedicação e doação do tempo e dos próprios planos individuais. O sacrifício de ser uma mulher que se dedica somente a criação dos filhos também não é uma escolha pessoal de Lila. A personagem precisa, após seu divórcio, buscar trabalho em uma fábrica a fim de garantir a sua própria independência financeira.

O trabalho desgastante que Lila viveu na fábrica ilustra bem o cotidiano das

²² HIRATA, Helena; DANIÈLE, Kergoat. “A divisão sexual do trabalho revisitada.” In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. *As novas fronteiras da desigualdade*. São Paulo: Senac, 2003, p. 113

mulheres operárias. Ela passou por assédios físicos, morais e sexuais durante seu tempo de trabalho. Além disso, sofreu um forte adoecimento físico em virtude das jornadas de trabalhos longas e da exigência dos trabalhos domésticos, que continuaram a ser realizados somente por ela, e o cuidado com o filho. Durante esse tempo, Lila era uma mulher odiada pelos homens ao seu redor. Odiada por não ceder às investidas sexuais do chefe, por não sorrir demais ao porteiro, por não estabelecer uma posição hierárquica com os homens; porém, mais que isso, por não se preocupar em agradá-los. Como sugere Federici (2019), uma mulher pode até não servir a um homem específico, porém toda mulher vive uma servidão no tocante ao universo masculino. Por isso que ser chamada de “mulher” é muitas vezes uma piada dentro de ambientes de trabalho. Ser mulher é considerado algo degradante, inferior.²³

Conclui-se que as vidas das personagens criadas pela autora Elena Ferrante representam uma vida comum à muitas mulheres. Apesar de serem mulheres brancas e de terem ascendido à classe média, demonstra-se nos livros que os valores morais cobrados para as mulheres são diferentes dos cobrados aos homens. Além disso, o trabalho fora do lar muitas vezes assume uma disputa com a dedicação ao casamento e aos filhos. É difícil para as personagens darem conta de suas vidas profissionais com a gama de responsabilidades domésticas que as sufocam cotidianamente. Entretanto, precisa-se estabelecer que, diferente de muitas mulheres de sua época, Lila e Lenu tentam driblar o destino sem, sequer, se darem conta.

Importa dizer também que nenhuma escrita é lúcida. Nem o autor sabe tudo o que queria dizer no momento que criou a sua obra e nem o leitor pode, subitamente, entender tudo o que traz uma narrativa literária. Com certeza os textos de Elena Ferrante passam por um processo de descrição sincera sobre o lado amargo e solitário da realidade feminina, mas também passaram pelo crivo de interpretações sugerido para a escrita desse estudo a partir de leituras sobre gênero e feminismo. Ambas as personagens terminam na velhice expostas a solidão. Com filhos já crescidos e sem maridos elas são a sua própria companhia. Talvez isso se deva aos caminhos escolhidos por elas durante a vida. Talvez se deva a capacidade combativa e teimosa que acompanha as personagens desde a infância e, talvez, a nada se deva, porque uma leitura acaba e algo ainda resta sobre o argumento

²³ FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 46.



de fazer o leitor pensar.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi entender como a divisão sexual do trabalho e a dominação masculina e ética do cuidado (BEAUVOIR, 1980); (FEDERICI, 2019); (SAFIOTTI, 1987); (GILLIGAN, 1985) e (PERROT, 2005) se colocam dentro da dinâmica privada da vida de duas personagens ficcionais, criadas pela autora Elena Ferrante. A utilização de um romance de formação foi essencial para compreender que a presença da divisão sexual do trabalho, resultante da dominação masculina é uma construção que permeia a vida das mulheres desde a infância como um jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 2019). Além disso, verificou-se como a educação feminina possui um grande poder de transformação de sua realidade social. Viu-se, a partir da teoria da ética do cuidado que as mulheres possuem uma posição diferente das dos homens no momento de refletirem a respeito da tomada de uma decisão de cunho moral.

Buscou-se compreender as questões que cercam a vida das personagens à luz da teoria de gênero, verificando que a construção da mulher como a única responsável pelo cuidado da casa e dos filhos constrói uma barreira para sua emancipação social. Muitas mulheres, como as próprias personagens, veem no casamento a sua única forma de ascensão e mudança de realidade. Além disso, vê-se a força do capital na construção de uma barreira social ainda maior. Ao saírem do lar e desejarem obter uma carreira e possuir um nome, as mulheres são assoladas pelo acúmulo de trabalho, pela ausência de divisão junto a seus parceiros e pela culpa socialmente imposta por uma suposta negligência com o cuidado e criação dos filhos.

Enfim, o estudo demonstrou que a utilização da literatura como objeto de análise traz um olhar importante para dentro das ciências sociais, mais precisamente, aos estudos de gênero. A literatura escrita por mulheres relata, muitas vezes, o universo feminino com detalhes e sentimentos capazes de permitir conhecer camadas da vida particular das mulheres que, muitas vezes, não são trazidas à tona. Ora por falta de interesse nas vivências femininas, ora por falta de oportunidade de mulheres poderem falar sobre suas próprias opressões sem serem ridicularizadas. Os estudos de gênero são uma construção recente dentro do campo da sociologia e muitas vezes precisam brigar para obter seu espaço e demonstrar a sua importância dentro dos estudos sociológicos. Entretanto, a



temática do gênero ou da história das mulheres demonstra-se uma condição indispensável para se pensar a ciência nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

DAMINGER, Allison. *De-gendered Processes, Gendered Outcomes: How Egalitarian Couples Make Sense of Non-egalitarian Household Practices*. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122420950208?journalCode=asra>. (último acesso em: 19 jun. 2023).

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura: discurso e história**. <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. (último acesso em: 15 mar. 2023).

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.

FERRANTE, E. **Dias de abandono**. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.

FERRANTE, Elena. 'Even today, after a century of feminism, we can't fully be ourselves'. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/mar/17/elena-ferrante-even-after-century-of-feminism-cant-be-ourselves>. (último acesso em: 31 mar. 2023).

FERRANTE, Elena. **A amiga genial: Infância, adolescência**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERRANTE, Elena. **História da menina perdida**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

FERRANTE, Elena. **História de quem foge e de quem fica**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

FERRANTE, Elena. **História de um novo sobrenome**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p.

FERREIRA, Camila Daltro. **O feminismo (in)evitável na literatura de Elena Ferrante: Diálogos entre lutas reais e fictícias**. <https://revistas.ufrj.br/article/download> > pdf.(último acesso em: 15 mar. 2023).

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HIRATA, Helena; DANIÈLE, Kergoat. "A divisão sexual do trabalho revisitada." In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**. São



Paulo: Senac, 2003.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality**. <https://sfoonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. <https://sfoonline.barnard.edu/sfxxx/documents/gilligan.pdf>. (último acesso em: 15 fev. 2023).

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru/SP: Edusc, 2005.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Difel. 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para análise histórica." In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar boitempo, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril S.A, 1975.